



GEOGRAFIA CRÍTICA E O ENSINO DA GLOBALIZAÇÃO: DESAFIOS E PRÁTICAS

Deborah Joanna Campos Branco
brancodeborah@hotmail.com¹

Marcos de Oliveira Soares
marcossoares@ufscar.br²

Resumo

Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada durante cinco meses, dentro da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso na UFSCar, campus Sorocaba, com aproximadamente 180 alunos em uma escola pública de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Teve como questão central demonstrar que o método proposto para o ensino de temas da Geografia, pode fazer a diferença na aprendizagem dos/as alunos/as. Para tal, optou-se pela abordagem crítica. O objetivo foi promover um ensino que trouxesse uma reflexão sobre a importância da Geografia como disciplina e que possibilitasse uma significação sobre os processos que envolvem as aprendizagens considerando, para tal, os lugares de vivências dos/as alunos/as, por meio do recorte do tema Globalização. Com o uso do método materialista histórico-dialético, conseguimos verificar que é possível promover um ensino que considere os conhecimentos trazidos pelos alunos, proporcionando a significação e a ressignificação dos seus lugares de vivências, por meio da Geografia Crítica.

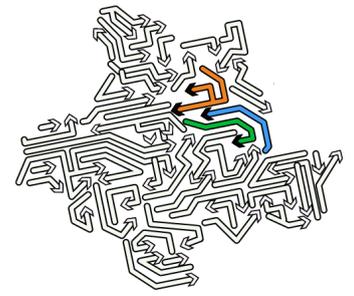
Palavras-chave: Ensino de geografia, Geografia Crítica, Práticas pedagógicas em geografia.

Introdução

Realizada no ano de 2019 a presente pesquisa foi feita com aproximadamente 180 alunos do 2º ano e 3º ano do período da manhã da Escola Estadual Padre Anchieta, localizada

¹ Graduada em Licenciatura de Geografia pela Universidade Federal de São Carlos, professora na Secretária do Estado de São Paulo e membro do Grupo de Pesquisa Formação Política de Professoras e Professores (GPForPP). O presente trabalho é produto de pesquisa do meu Trabalho de Conclusão de Curso com a orientação do professor Dr. Marcos de Oliveira Soares.

² Professor no curso de Licenciatura em Geografia na UFSCar, campus Sorocaba e líder do GPForPP



na cidade de Pilar do Sul, interior do Estado de São Paulo. Em contexto a escola em que essa pesquisa foi realizada, está na região central do município, também é a maior do município e com o maior número de alunos da Diretoria de Ensino de Votorantim, com 1114 alunos, 625 no ensino fundamental e 489 no ensino médio. Sendo que em torno de 650 alunos eram da zona rural ³.

Se tratando da pesquisa em si, ela tinha o objetivo em propor práticas pedagógicas vinculadas a um olhar mais crítico sobre o espaço e as vivências dos alunos e foi optado pelo tema globalização pois faz tanto parte do período em que viviam os alunos como também fazia parte transversalmente do currículo do 2º e 3º ano do ensino médio.

A presente pesquisa transitou por várias escalas de análise, primeiramente era necessário um estudo sobre a base teórica da geografia escolar, sendo ela influenciada em sua consolidação pelo Positivismo, em que se atentava na descrição dos fenômenos espaciais e não propriamente na crítica ao espaço. Esta geografia positivista ainda estava presente no cotidiano escolar, em que os alunos não conseguiam compreender qual o papel da disciplina em seu cotidiano escolar.

Posteriormente, para que ocorresse uma pesquisa com base científica, foi necessário um método científico e uma metodologia de pesquisa, optamos pelo método materialismo histórico-dialético. O método permitiu um passo a passo mais consolidado para que os alunos tivessem uma visão mais crítica do tema globalização.

Em sequência foi necessário a junção entre teoria da geografia crítica, o tema globalização e as prática pedagógica, principalmente com o apoio do livro de Milton Santos “Por uma outra Globalização: do pensamento único a consciência universal”. A pesquisa foi realizada conforme o método dialético propõem, das temáticas mais perceptíveis e visíveis aos alunos, para as temáticas mais complexas, ou seja, “que vai do fenômeno à essência e da essência profunda a mais profunda [...] aprender conexões de grau cada vez mais profundo, até atingir e captar solidamente as contradições e o movimento” (LEFEBVRE, 1983, p. 241).

Para isso foi realizado um caminho metodológico que partiu de um conhecimento mais perceptível sobre o tema globalização para o mais complexo. Com o devido aporte teórico, os alunos foram convidados a produzir reflexões e trabalhos sobre a temática até chegar ao nível

³³ Dados referentes ao ano de 2019 disponibilizado pela secretaria da escola Padre Anchieta.



de análise e criticidade em que pudessem ter maiores substâncias teóricas para relacionar com sua prática cotidiana e com o conceito *lugar*.

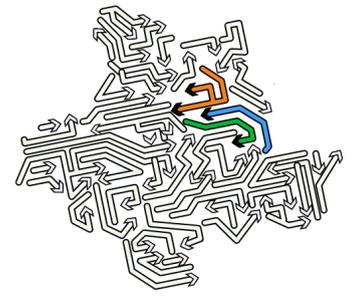
Através da importância do Lugar para o ensino da globalização foi possível propagar a geografia crítica no ensino, pois foi no lugar que se visualizou as manifestações espaciais dos alunos e que pude tirar uma maior crítica de como a geografia é interpretada por eles. Em resumo, o objetivo deste trabalho foi dar visibilidade a novas práticas em sala de aula vinculadas a Geografia Crítica por meio do tema Globalização.

Da Geografia Escolar Tradicional a Geografia Crítica por meio do ensino do tema Globalização

Ao longo de sua afirmação enquanto matéria escolar, “a Geografia incorporou paradigmas vigentes na sociedade, como por exemplo, o ensino enciclopédico, mnemônico, com listas de nomes para serem “decorados”” (MELO, VLACH e SAMPAIO, 2012, p. 2686).

Estes aspectos infelizmente ainda são vigentes na escola pública atual, isto se tornou evidente quando começamos a pesquisa. Optamos por uma avaliação diagnóstica inicial para conhecer um pouco mais dos alunos e das suas perspectivas da disciplina de Geografia. Essa primeira avaliação foi elaborada com cinco perguntas e, posteriormente escolhemos duas como forma de auxiliar a pesquisa, sendo elas “Você acredita que a matéria de Geografia auxilia na compreensão de mundo? Por quê?” e “Você acredita que os assuntos trabalhados em geografia auxiliam no entendimento do seu dia a dia? Por quê?”. As perguntas foram realizadas para 98 alunos do terceiro ano e do segundo ano do ensino médio.

Por meio dos resultados obtidos foi possível percebermos que apesar dos alunos responderem que a geografia auxilia na compreensão de mundo o resultado foi ainda bastante raso em questão a complexidade de fenômenos que a ciência geográfica possa nos proporcionar. Por exemplo, na primeira pergunta 35 alunos levaram em consideração somente aspectos cartográficos para compreender o mundo e 18 alunos na segunda pergunta. Na leitura das respostas era visível principalmente o termo “localização” e “mapas”, possivelmente para a maioria dos alunos a geografia só fazia sentido neste contexto cartográfico, numa perspectiva de compreender o território, latitude e longitude, estados,



municípios etc. “Um conhecimento onde o “Brasil” e o “mundo” são vistos somente como “território” e “não povo ou sociedade, e governar passa a significar administrar, gerenciar, e nunca fazer política no sentido verdadeiro da palavra” (VESENTINI, 2008, p. 11).

Para a grande maioria dos alunos nesta fase da pesquisa a Geografia tinha como objeto de análise a “memorização”; seja memorizar elementos cartográficos - decorar “dados cartográficos” como, capitais, estados e países, número aproximado de habitantes, maiores e menores populações mundiais - seja decorar elementos do relevo, paisagem entre outros.

Já na segunda pergunta sete alunos destacaram que não achavam a geografia útil para entender o seu dia a dia. Estes dados são bastante significativos, pois demonstram uma investigação de que a geografia em sala de aula está “viúva do espaço” (SANTOS, 2002), visto que retira do espaço o papel das relações humanas sobre ele, o espaço é por consequência, desumanizado. Uma geografia onde o “espaço geográfico é estudado como se ele não fosse o resultado de um processo onde o homem, a produção e o tempo exercem papel essencial” (SANTOS, 2002, p. 114).

Portanto, estes dados demonstraram como a geografia era vista no contexto da escola⁴, sendo ela defasada de uma abordagem crítica, onde os alunos em sua maioria possivelmente ainda não tinham contato com uma análise mais complexa do espaço. Mas também, foram estes mesmos dados que trouxeram ideias e questionamentos sobre como promover a geografia crítica na escola. Uma Geografia que tentasse entender as suas dinâmicas espaciais, buscando através do tema da Globalização uma conscientização da realidade geográfica que os cercam.

Milton Santos em seu livro “Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal” evidência as problemáticas do atual período em que vivemos, segundo o autor normalmente as pessoas veem a globalização como “fábula”, ou seja, sem entender as dimensões de sua complexidade. Por exemplo, fala-se na ideia de “aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas” (SANTOS, 2011, p.

⁴ Outros elementos também foram expostos, mas foi optado por utilizar aqueles mais latentes.



19) em que há a um encurtamento de distâncias, “como se o mundo se houvesse tornado, para todos, ao alcance da mão”⁵.

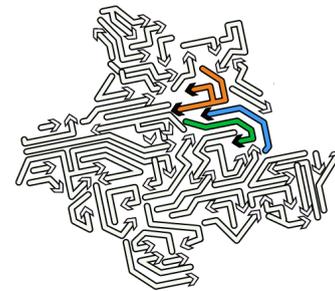
Em sala de aula a ideia dos alunos também era normalmente esta visão de Globalização como fábula. Por conta dos atores hegemônicos, principalmente pelas exposições exacerbadas de informações seletivas, os alunos, não conseguiam compreender a complexidade processual da globalização, nem tão pouco, o seu lado perverso.

Assim, primeiramente era necessário trazer aos alunos casos concretos em que eles pudessem ter um primeiro *pontapé* sobre a ideia de globalização como ela é: perversa. Desta maneira foi optado pela exibição de um documentário chamado “The True Cost”⁶, no qual traz a explicação sobre os processos de produção, comércio e consumo na indústria da moda.

No documentário é visível às várias fases deste mercado globalizado, que provoca uma divisão do trabalho, onde as marcas vão atrás de trabalhos terceirizados nos países emergentes e periféricos, com salários baixos, tempos excessivos de jornada de trabalho e condições de servidão onde o trabalhador não tem alternativa a não ser submeter este tipo de trabalho. O documentário também critica as estratégias de marketing e propaganda que estas grandes empresas se submetem para vender seus produtos, manipulando as pessoas para o consumo sem pensar nas dinâmicas envolvidas por trás. Bem como, expõem a lógica das grandes indústrias vinculadas ao setor do agronegócio, que se tornam monopólios que utilizam os recursos naturais como mercadoria e não respeitam a lógica da natureza.

O objetivo era que os alunos entendessem os processos envolvidos na ideia de consumo global, onde temos acesso hoje a muitas coisas e de forma fácil e rápida, todavia, normalmente desvinculamos o consumo da produção. Assim foi solicitado a eles um relatório

⁵ Quando comecei a ensinar sobre este tema (que foi sem dúvidas também um dos temas que mais me instigaram a reflexão durante a graduação), perguntei aos alunos o que eles entendiam sobre globalização, a maioria dos alunos responderam quase da mesma forma, “a globalização é a conexão via internet”, a “globalização possibilitou comprar coisas mais rápidas”, “a globalização permitiu que conseguíssemos pesquisar as coisas do celular de forma mais rápida”. Enfim, uma série de comentários que vão de encontro com a ideia de globalização vista como fábula, pois ainda não enxergavam a complexidade do tema e de como ela envolve o nosso cotidiano.
⁶ “The True Cost” é um documentário disponível na plataforma de streaming Netflix.



reflexivo sobre o documentário, para que eu pudesse compreender suas reflexões (ou não) sobre o tema ⁷.

Dos resultados desta primeira parte da pesquisa, foi observado pontos importantes que forneceram base para reformulações do passo a passo da pesquisa. De acordo com os textos foram observados nuances de mudanças futuras das metodologias, foi possível verificar que aproximadamente metade dos alunos que redigiram o relatório reflexivo, possuíam dificuldade em expressar suas ideias em formato de texto, houve algumas cópias da internet e pouco aprofundamento. Dos alunos que tiveram dificuldade, foi aparente não um relatório reflexivo contendo suas opiniões, mas um resumo sobre o documentário, ao ler esses textos supus duas hipóteses para esse bloqueio na escrita.

Primeiro: essa grande concentração de resumos possivelmente ocorreu porque no processo de interpretar, seja ele qual for o tema, envolve muito além de imagens e leituras, também é necessário as vivências dos alunos. Cavalcanti (2014) acrescenta que um ensino relevante ao aluno deve ter como base o conhecimento dos próprios alunos. Assim, provavelmente os textos que não foram redigidos com uma reflexão foi porque não havia uma interpretação sobre estes processos em seu dia a dia, de certa forma, ainda não conseguiam fazer uma conexão entre o que estava visualizando com suas práticas cotidianas.

A segunda hipótese talvez venha do ponto de vista da cultura escolar⁸ no contexto do neoliberalismo. Os alunos por vezes estão tão centrados numa lógica de produzir algo para ganhar nota, e não necessariamente para aprender, que preferiram somente realizar a tarefa, a redigir uma opinião sobre o documentário. Isto faz com que os alunos incorporem uma análise deturpada ao realizar as atividades, pois estão mais centrados em produzir (e paralelamente competir com os alunos que já fizeram a atividade, ou já entregaram), do que os aprendizados em si. Incorporam sem saber, uma prática que centra no fazer, no “resultado” e não nos processos, na inquietação, na dúvida e no erro para depois vir o acerto.

⁷ Este trabalho foi aplicado somente ao terceiro ano do ensino médio, foram recolhidos 40 relatórios reflexivos, que deram uma base inicial sobre o tema.

⁸ Silva (2006) em sua pesquisa intitulada “Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa” destaca que o “modo como a escola vem se organizando tem reforçado mecanismos geradores de adaptação e dominação” (p. 203). A escola assim está em constante tensão de forças contraditórias, por um lado temos grandes políticas neoliberais, que vem a escola mais como uma empresa estabelecendo metas e prazos, e por outro lado temos um espaço complexo e cheio de possibilidades, portanto a “estrutura organizacional da escola não está sustentada apenas por um plano racional determinado pela burocracia” (p. 203), mas são um espaço vivo, que estabelece outras práticas, outros tipos de culturas escolares.



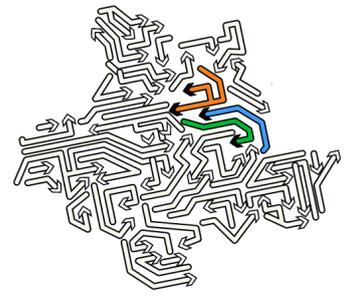
A segunda hipótese ao primeiro plano, quando corrige as atividades não existia, porém, com o passar da pesquisa e com a evolução e aprofundamento das discussões em sala de aula, foi perceptível uma mudança de comportamento ao realizar as atividades. Pois em maioria, aparentou estar percebendo um maior prazer em realizar as atividades e não necessariamente fazer para conseguir notas ao final do bimestre.

Após a leitura de todos os relatórios foi possível verificar alguns dados importantes, a maioria dos alunos tem facilidade de interpretar as consequências da moda no mundo

globalizado, possivelmente porque como mencionado, são os elementos mais presentes em seu dia a dia, seja na internet, na escola, na rua, shopping etc. Mas pouquíssimos alunos souberam explicar o porquê que isto ocorre (o porquê do trabalho precário se situar nos países mais pobres, o porquê de as grandes marcas estarem localizadas nos países desenvolvidos, o porquê do trabalho marginalizado, o porquê de a produção de roupas ser espalhada pelo mundo etc.). Isso possivelmente ocorreu, pois os alunos ainda não entendiam alguns conceitos fundamentais da Geografia para compreender o processo da Globalização.

Por isso entender os processos que desencadearam essa configuração espacial no período da globalização são fundamentais, segundo Camacho (2010, p. 75), o “espaço geográfico é uma totalidade dinâmica e contraditória produzida historicamente na relação entre sociedade e natureza mediada pelas relações de trabalho”, assim era necessário voltar nas transformações espaciais ao longo da história, principalmente após a mudança do sistema fordista para o toyotista.

Para que a interpretação sobre as mudanças do espaço geográfico “mediadas pelas relações de trabalho” como Camacho (2010, p. 75) propõem, foi escolhido os casos das rodovias e avenidas brasileiras na época da industrialização e do “boom” do automóvel. As vias do transporte rodoviário mudam o espaço e as relações sobre eles, conectam a produção e o consumo, modificam o planejamento segundo uma lógica de escoamento de produção, e são um exemplo da junção da técnica e da atividade humana. Para aproximar mais ao conhecimento de mundo dos alunos, foi escolhido imagens de diferentes tempos históricos da



marginal Pinheiros e Tietê e por meio delas os alunos foram entendendo melhor a relação entre tempo e espaço.

Depois deste caminho processual que envolveu história e geografia, era necessário algo mais palpável no contexto do dia a dia dos alunos, a aproximação assim chegou ao contexto atual da região, colocando como ênfase a cidade de Sorocaba, sendo ela relativamente próxima a cidade de Pilar do Sul, e como ela se situa no contexto da globalização. Um dos exemplos que usamos para isso foram às mudanças da cidade para privilegiar o consumismo, como o caso do Shopping Páto Cianê. Situado na estrutura de uma antiga fábrica de tecidos, o shopping Pátio Cianê é um exemplo de novos usos do espaço segundo a lógica mundial.

Segundo Padilha (2003, p. 9) “o shopping center é [...] um importante fenômeno da sociedade capitalista mundializada” que não se restringem a somente aquele espaço, mas sim um reflexo espacial, onde a produção de mercadoria se torna cada vez mais flexível e automatizada. “Isso quer dizer que certos objetos e seus significados, estão de forma crescente, sendo compartilhadas nos quatro cantos do mundo” (PADILHA, 2006, p. 16).

Desta maneira, o shopping Pátio Cianê foi um importante ponto de estudo para entender a globalização no espaço urbano, pois trouxe para aquele espaço marcas estrangeiras, comércio de redes de fast-food, aumento da especulação imobiliária ao entorno, entre outros elementos. Esta aproximação foi significativa, pois fez os alunos questionarem o poder da globalização, entendendo como ela modifica o espaço.

Para efetivação dos resultados nesta fase da pesquisa, foi proposto aos alunos uma atividade com uma série de imagens das mudanças espaciais da cidade de Sorocaba. Em grupos eles tiveram que escrever suas interpretações sobre estas mudanças. Nas atividades⁹ o que observamos foi maior entendimento dos alunos sobre a transformação da paisagem e de como a globalização interfere, por exemplo alguns alunos relataram:

O shopping causa muito impacto nas outras empresas, pois a população vai mais ao shopping do que em mercados que ela frequentava. [...] Pois ele destrói outras empresas e outros mercado a ruína e a falência. (alunos 31, 22, 24, 20 e 32).

⁹ Durante a pesquisa foi realizada diversas atividades para que tivéssemos um material efetivo da interpretação dos alunos sobre o tema da pesquisa, todavia, não é possível fixar no template devido a limitação das páginas.



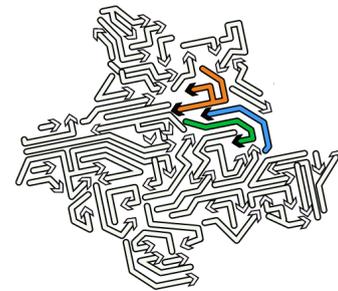
Nestes relatos, os alunos conseguiram destacar o papel das grandes empresas na cidade, segundo Milton Santos “cada empresa hegemônica age sobre uma parcela do território” (2011, p. 86) essa ação coloca sobre os espaços um peso de competitividade muito maior que as empresas locais possuem.

Assim, após todo esse caminho metodológico, que passou de uma escala mais global, para nacional, regional chegamos à escala do lugar e das vivências dos alunos. Este caminho foi importante, pois facilitou uma visão mais crítica sobre o lugar e o cotidiano dos alunos, pois para Milton Santos “os lugares são vistos como intermédio entre o mundo e o indivíduo” (2006, p. 212), portanto este movimento escalar era fundamental para entender suas vivências espaciais de forma mais crítica.

No contexto da escala do lugar dividimos metodologicamente o tema globalização em duas formas de análise, a globalização vista de forma mais objetiva, ou seja, mais ligada a “forma” do lugar (como é a cidade, como é o comércio, como é o campo de trabalho etc.) e o tema globalização vista de forma mais subjetiva (como ela afeta o nosso cotidiano, os nossos gostos e nossa forma de ver o mundo).

Para alguns autores, é possível definir lugar a partir dos “entrelaçamentos impostos pela divisão espacial do trabalho posto que é articulado e determinado pela totalidade espacial” (CARLOS, 1996, p. 33 apud STANIK, KUNDLATSCH e PIREHOWSKI, 2015, p. 7), no caso brasileiro a função histórica de produtor de “gêneros agrícolas e também de minérios para a metrópole portuguesa e mais tarde para o mercado externo, inseriu o Brasil numa posição sempre subordinada na divisão internacional do trabalho” (PEREIRA, 2010, p. 348).

A cidade de Pilar do Sul, não é diferente, situada no interior do estado de São Paulo também sofre influência da divisão internacional do trabalho, em um olhar coletivo de professor e aluno percebemos que a cidade sofre grande influência do agronegócio e da agricultura. Pensando nesta dinâmica ligada a divisão internacional do trabalho, realizamos uma atividade com os alunos em que eles pudessem expressar seu grau de entendimento até agora.



As atividades e falas dos alunos nesta fase da pesquisa já estavam em um nível muito alto de participação, tanto que todos os elementos expostos sobre a cidade no contexto da globalização foram eles que trouxeram. Posteriormente foi proposta uma atividade de análise de um trecho sobre a divisão internacional do trabalho e como eles achavam que afetavam sua cidade. Dentre elas algumas serão expostas a seguir:

Em nossa cidade não temos comercio como um shopping, mas temos um grande comercio de agrotóxico porque é influência de onde vivemos, e conseguimos mais venda com a agropecuária do que lojas grandes. (alunos 1 e 2)

Porque o Brasil é um país que utiliza muito da agricultura e agropecuária e Pilar do Sul em relação aos seus circunvizinhos é o que mais tem uma diversidade de cereais e agroquímicos por isso crescem. (aluna 4)

Em outras atividades os alunos já sabiam compreender o papel da divisão internacional do trabalho na especialização do trabalho no contexto do local:

Em nossa cidade é mais comercializado atraído pelo lado agrônômico, no caso grãos e hortaliças e por esse grande fato pessoas que querem trabalhar em outra área, tendem a sair da região. (alunos 11, 10, 21 e 43)

Pelas empresas, sempre trabalharemos grãos e hortaliças, as pessoas basicamente estão vinculadas a isso, e a esse meio de trabalho, por este fator quem procura trabalhar em outra área, tende a sair da região [...]. (aluna 5)

Em contexto a um olhar mais subjetivo sobre o processo de Globalização na escala do Lugar, o objetivo era que o aluno entendesse como suas ações no dia a dia - seus gostos, suas atitudes, sua forma de enxergar o mundo - podem ser afetadas. Afinal, o avanço principalmente da propaganda e do marketing adentram no campo do “gosto”, da forma que os jovens vêem o mundo e de como vivem e o pertencem, assim “boa parte desta mídia opera em consonância com centros de poder de alcance mundial. Estas acoplada às organizações e empresas transnacionais” (IANNI, 1993, p. 122).

Estas combinações em estimular algo subjetivo (o imaginário das pessoas para consumirem) para concretizar algo objetivo (a compra, o consumismo e a perpetuação do capitalismo) se manifesta no espaço escolar e nas suas relações espaciais cotidianas. Como exposto na atividade dos alunos:

A globalização influencia muito o consumismo dos jovens. A partir da internet o processo passa a ser maior, por causa da mídia. Os jovens constroem sua identidade através de um contexto globalizado. [...] A globalização amplia os métodos de “chegada” da informação. É comum ver um jovem usar



determinada marca de roupa apenas porque acha legal, ou se encaixam no padrão. É possível ver um jovem buscando a sensação de preencher o vazio emocional. (aluna 10)

Considerações finais

Em suma, a presente pesquisa revelou como os alunos enxergam a geografia e o processo da globalização. Mas ao mesmo tempo deu-se a possibilidade de novas relações sociais, estas relações vão sendo mais solidificadas à medida que os alunos começam a compreender o papel deles na globalização e de modo dialético o papel da geografia crítica no entendimento espacial. Desta maneira, nos espaços banais tivemos a possibilidade de “providenciar os ajustamentos necessários por meio de encontros e desencontros e do

exercício do debate e dos acordos, busca-se explícita ou tacitamente a readaptação às novas formas de existência” (SANTOS, p. 111, 2011).

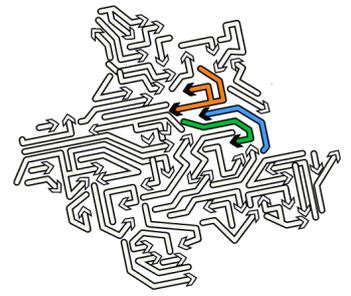
O exercício e o debate, por exemplo, auxiliaram os alunos a compreenderem o tema e propor formas de mudança, alguns trechos das atividades dos alunos sobre a globalização e suas consequências evidenciam suas propostas:

É necessário que todo pré-julgamento acabe e que ninguém seja considerado mais ou menos que outro por causa de uma jaqueta da Adidas ou de celular não tão novo. Que todos os seres humanos entendam que não precisam provar nada para ninguém e que não seguir padrões é normal. Assim é provável que as pessoas passem a se atrair pelo que as outras são de fato, e não pelo que “parecem” ser. (aluna 12)

[...] a vida dos jovens brasileiros está sendo alterada nos últimos anos devido às mudanças que ocorrem no cenário global, espera-se que conscientizem os futuros jovens que a globalização não pode interferir na essência do que são, ou seja, mostrar uma visão diferente”. (aluna 7)

[...] é necessário reeducar a grande maioria de uma população que cada vez mais se torna monótona e virtual, através de informação e investimento na educação, a única base concreta para a construção de um futuro brilhante e pessoas reais”. (aluna 23).

Suas atividades evidenciaram que os jovens atuais possuem a crítica para compreender o mundo e o lugar em que vivem. Suas práticas espaciais cotidianas, “portanto, não são desprovidas de significados, não são simplesmente alienantes e descartáveis [...] são práticas, são culturas, são leituras e “escrituras” dos lugares em que eles vivenciam” (CAVALCANTI, 2014, p. 41).



Referências bibliográficas

- CALLAI, Helena Copetti et al. **Educação Geográfica: Reflexão e Prática**. Organização Helena Copetti Callai. , Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2011.
- CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: Castro-Giovanni, A. C. et al. **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2000.
- CAMACHO, Rodrigo Simão. **A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E DO TERRITÓRIO: AS RELAÇÕES DE TRABALHO SUBORDINADAS AO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA**. Entre-Lugar, Dourados, MS, ano 1, n. 1, p. 73-98, 2010. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/download/613/409>>.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo. Hucitec, 1996
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e suas práticas espaciais cotidianas: o que isto tem a ver com as tarefas de ensinar geografia? In: **Educação Geográfica: Reflexão e Prática**. Organização Helena Copetti Callai., Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2011.
- COSTA, Everaldo Batista da; OLIVEIRA, Rafael Fabrício de; BOSCARIOL, Renan Amabile; SOUZA, Carolina Starling; RÚBIO, Rúbia de Paula. **LÓGICA FORMAL, LÓGICA DIALÉTICA: QUESTÃO DE MÉTODO EM GEOGRAFIA**. In: Geo UERJ. Rio de Janeiro - Ano 16, nº. 25, v. 1, 1º semestre de 2014, p. 276-285. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/12732/9919> >
- IANNI, Octávio. **A Sociedade Global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, 194p. _____ . **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, 228p.
- LACOSTE, Yves. **A geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Tradução Maria Cecília França. 19ª edição. Campinas, São Paulo. Editora Papirus, 2012.
- LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal. Lógica Dialética**. Tradução Carlos Nelson Continho. 3ª edição. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1983.
- MELO, Adriany de Ávila. VLACH, Vânia Rúbia Farias e SAMPAIO, Antônio Carlos Freire. **HISTÓRIA DA GEOGRAFIA ESCOLAR BRASILEIRA: CONTINUANDO A DISCUSSÃO**. Org. Luiz Gonzaga Falcão Vasconcellos; Adriany de Ávila Melo Sampaio. (Org.). Geografia e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. 1ª edição, Curitiba. Editora CRV, 2012
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica**. 20ª edição, São Paulo, editora Annablume, 2005.
- PADILHA, Valquíria. **Shopping Center: a catedral das mercadorias**. São Paulo, ed. Boitempo, 2006.
- PEREIRA, Mirlei Fachini Vicente. **A inserção subordinada do Brasil na divisão internacional do trabalho: consequências territoriais e perspectivas em tempos de**



globalização. In: Sociedade & Natureza, Uberlândia, p. 347-355, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sn/v22n2/a09v22n2.pdf>>.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4ª edição, São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2006

SANTOS, Milton. **Por uma nova Geografia: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 21ª edição, Rio de Janeiro: editora Record, 2011.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. **Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa.** Editora UFPR Educar, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a13n28.pdf>>

VESENTINI, Jose William. **Para Uma Geografia Crítica na Escola.** Editora do Autor São Paulo, 2008.